

# CRÊ OU MORRE

Boris Fausto

*Folha de S.Paulo*, 1 de outubro, 2001

Em meio às fotos espetaculares, aos cálculos de possibilidades do que irá acontecer daqui para a frente após o 11 de setembro, ficou meio perdida uma notícia da imprensa. Falando em um programa da televisão americana, o reverendo batista Jerry Falwell declarou, dois dias depois do atentado, que "provavelmente os Estados Unidos receberam o que mereciam".

Falwell foi mais adiante, com o apoio de seu entrevistador, o também reverendo e televangelista Pat Robertson. Disse acreditar que os pagãos, os partidários do aborto, os gays e as lésbicas, toda essa gente que tentou secularizar a América merece repulsa. "Eu aponto meu dedo para seus rostos", disse, "e digo: "Vocês contribuíram para que isso acontecesse".

Em resumo, o episódio trágico do 11 de setembro representaria uma punição divina pelos pecados cometidos por quem se obstina em não seguir os mandamentos sagrados. Não é preciso ser um especialista em religião para vislumbrar nessa visão os reflexos do episódio bíblico de Sodoma e Gomorra.

Os porta-vozes da direita fundamentalista não representam uma minoria marginal: eles dispõem de inúmeros recursos, contam com muitos adeptos e constituem uma séria ameaça à sociedade democrática americana. Não há exagero em dizer que essa gente representa a versão "made in USA" dos fundamentalistas islâmicos, com características específicas: os televangelistas pescam na Bíblia os textos que reforçam sua cruzada; os fanáticos do islã fazem o mesmo a partir do Corão.

No momento em que o terrorismo internacional põe em risco o sistema democrático e seus valores, é importante enfatizar a ameaça representada pelo fundamentalismo americano, cujas conexões com o Partido Republicano são notórias. Os fundamentalistas não se limitam a atacar pontos de vista liberais, ou indiciar comportamentos considerados heterodoxos. Eles encarnam uma visão teocrática do mundo e têm como objetivo a criação de um Estado que incluiria os fiéis e excluiria, punindo, aqueles que não obedecessem aos mandamentos divinos.

Alguém diria que afinal de contas, pressionado por todos os lados inclusive pela Casa Branca, Falwell desdisse o que disse, afirmando que suas palavras tinham contrariado suas convicções teológicas, segundo as quais ninguém pode conhecer se determinado acontecimento expressa ou não um julgamento de Deus. Mas esse foi um recuo tático num

momento dramático vivido por toda a nação. Permanece a brutalidade da interpretação, divulgada ao mesmo tempo em que se constatava a existência de milhares de corpos soterrados sob os destroços do World Trade Center.

Seria absurdo afirmar que o poder dos fundamentalistas americanos é semelhante ao dos fundamentalistas do Irã ou do Afeganistão. A sociedade americana tem raízes democráticas e uma opção pluralista que se constituiu ao longo da história. Porém, em uma conjuntura de restrições aos direitos civis a qual o terrorismo veio alentar, convém denunciar, persistentemente, os riscos representados pelos partidários do "crê ou morre".